O FORPUS XANTHOPTERYGIUS (PERIQUITO VASSOURINHA) NA BAIXADA MARANHENSE

(Breve Nota Ilustrada, nº 1)

Por Hilton Mendonça

RESUMO: Este estudo foi realizado a partir de observação de indivíduos da espécie *Forpus xanthopterygius* mantidos em cativeiros domésticos de terceiros, na Baixada Maranhense, haja vista a enorme dificuldade em encontrar exemplares vivendo em ambientes naturais nessa região. Mesmo em cativeiro, deparei-me com poucos exemplares, mas suficientes para descrever aspectos morfológicos, comportamentais e reprodutivos da espécie, contribuindo para suprir lacunas na literatura sobre o *Forpus xanthopterygius*. Este breve estudo possui caráter exclusivamente científico e descritivo, sem motivar captura, manutenção ou reprodução irregular de fauna silvestre.

1. INTRODUÇÃO

O vassourinha ou Tuim, como doravante também chamarei o *Forpus xanthopterygius*, pertence à família *Psittacidae,* sendo reconhecido como o menor psitacídeo das Américas. Há registros audiovisuais dele, disponíveis em plataformas digitais, que exibem a espécie vivendo em ambiente natural, em alguns estados do Nordeste brasileiro.

Não há no Brasil nenhum criadouro devidamente legalizado, conforme pesquisa nos registros do IBAMA, ICMBIO e de outros órgãos do Meio Ambiente, que reproduza essa ave em ambiente doméstico. Nem bons textos literários sobre a espécie eu encontrei, razão pela qual deixo de apresentar referências bibliográficas no presente estudo.

Toda essa carência de informações me motivou a fazer a investigação possível do vassourinha, para elaborar este estudo e compartilhar as informações, aqui ilustradas com fotografias desse espécime ainda pouco estudado da fauna baixadeira, maranhense e nordestina.

2. DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA EXTERNA DO FORPUS XANTHOPTERYGIUS (REGISTRO FOTOGRÁFICO)

Eis o vassourinha, o menor psitacídeo das Américas. O espécime macho tem uma coloração azul violeta no uropígio e nas penas das asas, cor que fica quase invisível quando a ave está de asas fechadas. Já a fêmea não porta essa cor, exibindo uma tonalidade verde uniforme em todo seu corpo. Quando já muito idosa, é possível ver no uropígio dela uma tênue mancha azulada.

Com elevada sorte, consegui registrar o momento em que o *xanthopterygius* espreguiçou-se e exibiu a completa coloração azul violeta das suas asas:

3. A METODOLOGIA

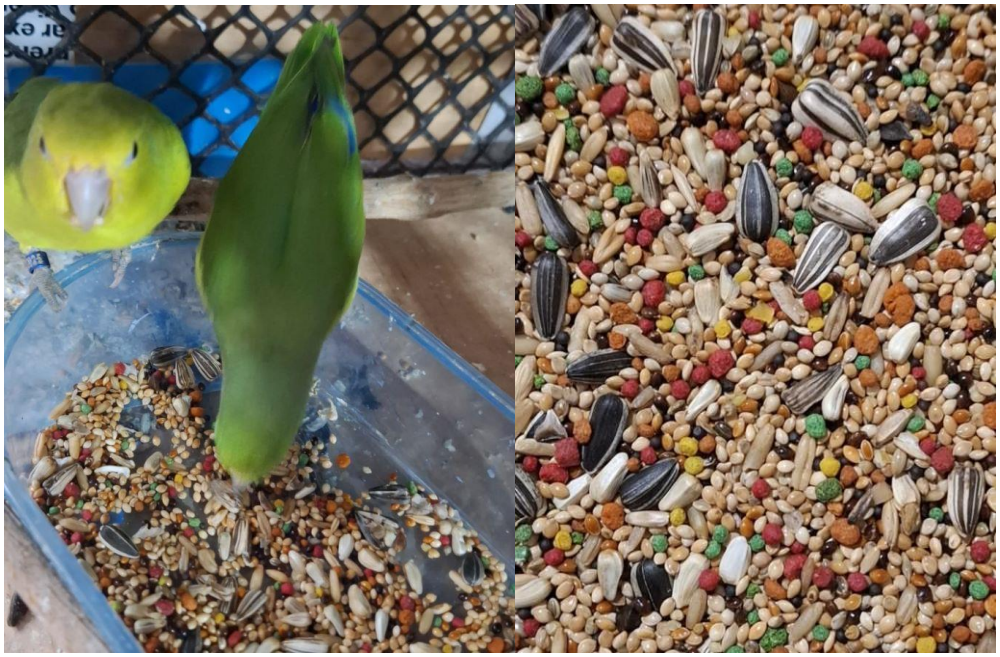
A metodologia empregada no presente estudo consistiu na observação direta de indivíduos da espécie *Forpus xanthopterygius*, mantidos em cativeiros domésticos de terceiros, sem qualquer participação do autor na posse, guarda ou manejo dos espécimes. Apesar do número muito reduzido de exemplares, foi possível observar 4 casais, ao longo de 2 anos, vivendo em gaiolas de arame, com dimensões aproximadas de 40cm x 60cm, em boas condições mantidas pelos respectivos criadores.

Em 2 (dois) dos ambientes houve reprodução da espécie, o que possibilitou o acompanhamento do fato, com observação dos ninhos utilizados, da serragem que forrou os ninhos, do tempo de incubação, do desenvolvimento dos filhotes, dos cuidados paternos até a saída do ninho e o desmame. Foi possível realizar o registro audiovisual e fotográfico bem detalhado em um dos ambientes observados, mediante acesso autorizado pelos responsáveis pelos animais.

Ressalto que os poucos exemplares estudados são uma limitação ao presente estudo, mas o quanto visto abrangeu parte significativa do comportamento dos *xanthopterygius*, que em grande medida se assemelham ao do já conhecidíssimo *Forpus coelestis*, seu irmão evolutivo.

4. ALIMENTAÇÃO

O vassourinha da Baixada Maranhense se alimenta melhor em cativeiro com sementes e milho verde, alimentos que são mostrados nas fotos abaixo:



O milho verde costuma ser cortado em pequenas fatias e as sementes servidas em bacias transparentes, de modo a distribuir melhor os grãos no recipiente, mas sempre em quantidade pequena, trocando água e comida de preferência duas vezes ao dia.

A alimentação acaba sendo a mesma fornecida aos *Forpus coelestis* e ao agapornis, constituída de painço, alpiste, linhaça, girassol, milho verde, farinhadas, ração extrusada, verduras, legumes e algumas frutas.

5. CÂNTICOS OU VOCALIZAÇÕES

O cântico do vassourinha se expressa por piados curtos, agudos, tipo *pri-ri-ri*, que se alongam em vocalizações graves para *pri-ri-ri-pri-ri-ri, pri-ri-ri,* conforme a ave se alegra com sua própria música. O macho quando entoa esse cântico chega a abrir um pouco as asas, exibindo uma parte do azul violeta oculto nelas.

Tanto machos quanto fêmeas emitem um som diferente, característico, quando se deparam com o ninho novo, curiosos de saberem se há algo dentro, e se aproximam cautelosamente do local. O som é grave e lembra um coaxar, emitido em jorros alternados, semelhantes a *txuá-txuá.* Quando copulam, o som parece um gemido igual a pi-pi-pi-pi, repetido bem baixinho, provavelmente pelo macho.

6. REPRODUÇÃO

Em cativeiro, o tuim pode realizar postura de até 6 ovos, duas vezes por ano, desde que haja condições adequadas para isso. Apenas a fêmea choca, o macho não. É comum a fêmea ficar longo tempo no ninho e receber ali mesmo alimentação do macho.

No primeiro ambiente observável, a fêmea pôs 6 ovos, e os incubou por aproximadamente 18 dias. A taxa de fertilização e eclosão dos ovos varia muito e, no caso observado, dos seis ovos postos nasceram 4 filhotes, dois machos e duas fêmeas. Esse sucesso obtido por um experiente criador foi documentado, mediante realização de alguns vídeos, dos quais este observador fez os prints abaixo:

2 filhotes nascidos e 4 ovos

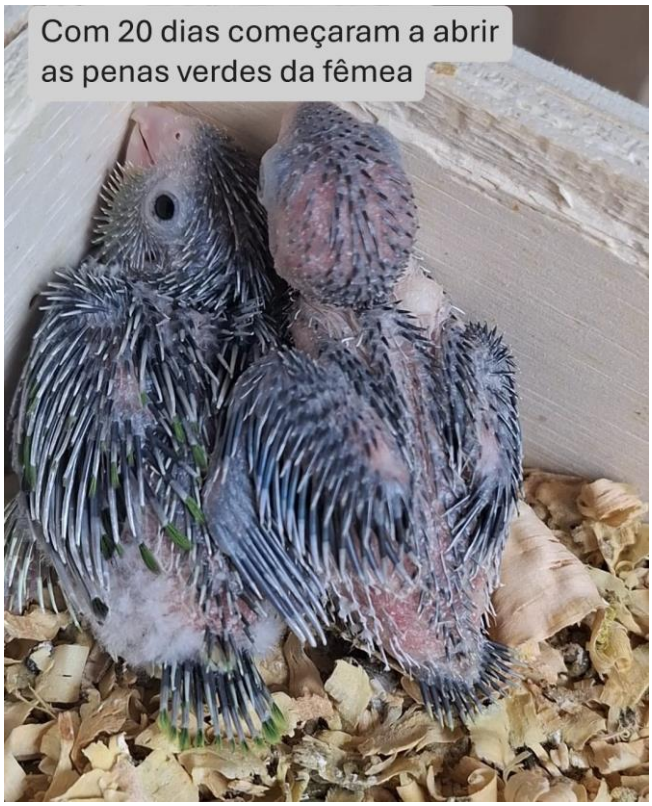
4 filhotes de vassourinha

4 filhotes empenados e saudáveis

No segundo ambiente, a fêmea pôs apenas 5 ovos, mas só 2 estavam fertilizados e estes eclodiram, dando vida a um casal de tuins, cujos registros seguem:

Quando esses filhotes estavam com uma semana, um descuido do criador permitiu que a mãe dos filhotes fugisse da gaiola para sempre. Ficou só o macho e, apesar do temor quanto a adequada alimentação dos filhotes, o pai assumiu o encargo e criou sozinho os dois filhotes, numa observação importante desse comportamento da espécie.

Esta foto esclarece um fato importante: é com 20 dias que os canhões começam a se abrir e a exibirem a cor das penas. A cor verde dessa fêmea começou a ficar visível aos 20 dias de nascida.



Este outro registro comprova ser possível saber o sexo do vassourinha já com 20-22 dias de nascido, pois a cor azul, próprias dos machos, aparece claramente nas rêmiges primárias e secundárias.

É por volta de 30 dias de nascidos que os filhotes começam a deixar o ninho, mas retornam para dormir nela até o desmame, que deve ocorrer após 45 dias, quando eles já comem sós. O criador não pode se demorar muito em apartar os filhotes dos pais, pois estes, em dado momento, passam a agredir os pequenos.

A primeira das fotos adiante mostra o pai alimentando o filho macho, e a segunda, o pai e o casal comendo milho verde.

7. SAÚDE E MEDICAÇÃO

O muito difícil no trato de aves é obter diagnósticos precisos do seu estado de saúde. Nos vassourinhas, o exame visual da ave, observando seu comportamento e notando o formato das fezes são os indicadores mais fáceis para o criador perceber se a ave está bem. A tarefa dificílima aos leigos é identificar com precisão qual doença afeta o pássaro.

Mas à falta de um profissional da medicina veterinária por perto, o caminho mais fácil é pesquisar na internet e perguntar em grupos de criadores par administrar a medicação possível.

Criadores costumam ter em casa uma pequena farmácia, e administram vitaminas, vermífugos, cálcio etc, ajudando a manter o plantel saudável. O cálcio é muito importante quando o vassourinha começa a chocar, e mais importante quando nascem os filhotes, que precisam desse suplemento.

8. OS NINHOS

Em cativeiro, observou-se que os melhores ninhos utilizados são aqueles instalados pelo lado de fora da gaiola, permitindo ao criador examinar o ambiente interno de reprodução sem muito perturbar as aves.

As fotos seguintes mostram dois tipos de ninhos muito utilizados, em fotos de frente e de trás:

9. DESCRIÇÃO DA ESPÉCIE

O xanthopterygius foi descrito pela primeira vez pelo alemão Johann Baptist von Spix, em 1824, que a ele deu o nome *psittacus xanthopterygius*, que é assim resumida: ‘’Ave pequena, de coloração predominante verde; asas com manchas

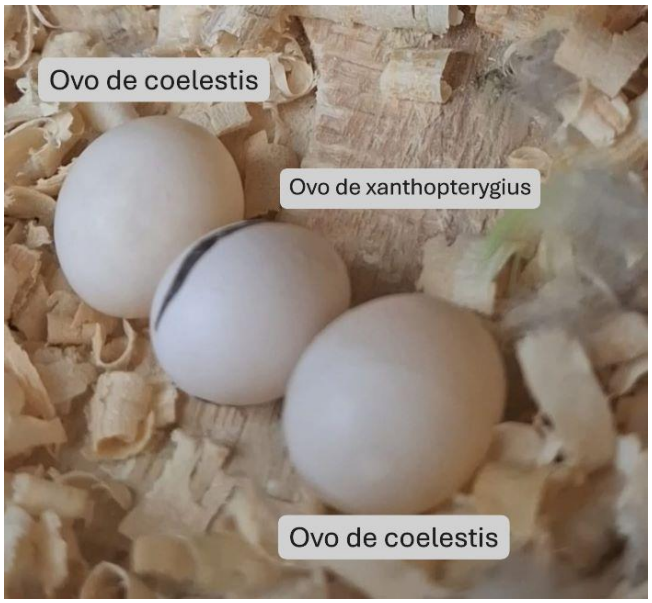
azuladas; partes inferiores mais claras; cauda curta; bico pequeno; dimorfismo sexual discreto.’’

A formação da palavra xanthopterygius é composta do prefixo grego **Xanthos**, que significa amarelo e de **pteron/pteryx**, que significa asa. Seria Forpus da asa amarelada.

10. O FORPUS XANTHOPTERYGIUS E O FORPUS COELESTIS

Na pesquisa que empreendi, pude estudar as duas espécies de Forpus bem de perto. Quando a elas fui apresentado, pela primeira vez, estando ambas na cor verde e reunidas na mesma gaiola, fui levado a crer que se tratava da mesma espécie. Nenhuma dúvida pairava quando eu via o Forpus nas cores branca, amarela, azul, malva, lutino, albino etc. etc., uma vez que só existem vassourinhas na cor verde original, sem nenhuma mutação que exiba outra cor.

Após novas observações, foram surgindo as diferenças: o *coelestis* é visualmente maior do que o *xanthopterygius*, medindo em torno de 23cm, enquanto o *xanthopterygius* é menor, medindo de 21 a 22cm; a fêmea que vi estava anilhada, e é raro encontrar tuins anilhados, com anilha fechada; por fim, os ovos das *coelestis* são maiores do que os que põem as *xanthopterygius*, conforme mostrado na foto abaixo:



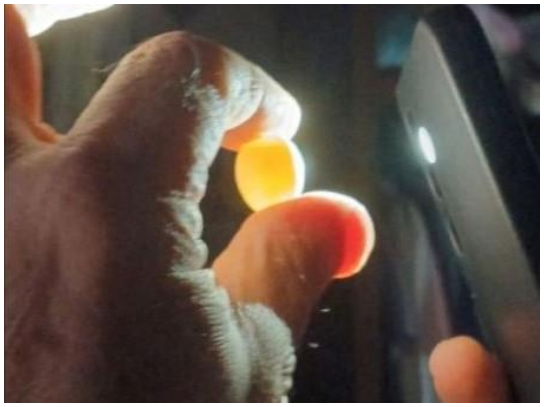
Nesse caso, a lógica é incontestável: a ave maior põe um ovo maior.

A fotografia abaixo mostra a fêmea examinada, devidamente anilhada, com anilha fechada, e com tamanho nitidamente maior do que o do macho de tuim. O detalhe azul na asa do vassourinha o identifica imediatamente como portador de dimorfismo sexual masculino.

A seguir, são mostradas duas mutações do *Forpus coelestis,* estando o macho na cor azul e a fêmea na cor amarela:

11. A OVOSCOPIA

Uma das curiosidades dos criadores que reproduzem aves é saber se o ovo está fertilizado; e o método da ovoscopia, mesmo feita com a lanterna do celular, extrai a dúvida. Estando o ovo totalmente transparente, significa não haver embrião se desenvolvendo no interior; se surgem veias se espalhando pelo ovo, o embrião começa a se desenvolver, progredindo até o ovo ficar completamente escuro.



12. BEBEDOUROS

Quanto aos bebedouros dos *Forpus*, dentre as muitas opções existentes, existem as duas adiante mostradas, que são de baixo custo:

13. AUSÊNCIA DO FORPUS XANTHOPTERYGIUS NOS NORMATIVOS

O Estado brasileiro reconhece e cataloga a espécie, trata-a como fauna silvestre brasileira, padroniza seu anilhamento, mas não oferece regulamentação específica sobre a criação dela em cativeiro. Tampouco a estuda adequadamente.

A relação de aves da fauna brasileira que segue anexa à Instrução Normativa nº 03/2011, de 1º de abril desse ano, do IBAMA, não relaciona o *Forpus xanthopterygius*; reporta-se apenas ao *Forpus coelestis* e mutações. Quando essa lista cita os psitaciformes menciona apenas o *Forpus conspicullatus*. Evidente a falta de regulamentação específica ao *xanthopterygius,* que não é passeriforme, e, sim, psitacídeo.

No âmbito oficial, o tuim só consta em listas de padronização de anilhas adotadas para psitacídeos, pelo IBAMA. Em uma delas, estipulam para ele o diâmetro 3,2mm, e o tamanho 4.0 para os *coelestis.*

A Lei maranhense nº 10.535, de 7 de dezembro de 2016, que dispõe sobre a gestão da fauna silvestre brasileira e exótica no âmbito do Estado contém apenas um anexo, que lista aves da fauna doméstica, não se referindo ao *Forpus xanthopterygius*, integrante da fauna silvestre deste Estado.

Já o Decreto nº 39.044, de 9 de maio de 2024, que institui o Código de Proteção de Meio Ambiente e cria o Sistema Estadual de Meio Ambiente (SISEMA) em seus 166 artigos, é omisso em citar especificamente o tuim; relaciona como aves domésticas, entre outras a calopsita *(Nymphicus hollandicus),* o periquito australiano *(Melopsittacus undulatus*), além do Manon, do Diamante mandarim e Gould.

A escassez de normatizações a respeito do menor psitacídeo das Américas é mesmo uma realidade que precisa mudar, sem demora, tanto para melhor proteger a ave quanto para bem orientar os criadores.

14. CONCLUSÃO

O presente trabalho objetiva apresentar observações iniciais sobre a espécie *Forpus xanthopterygius*, ainda pouco documentada na literatura nacional, especialmente no contexto da Baixada Maranhense.

Os dados aqui expostos, embora limitados, contribuem para o registro de aspectos morfológicos, comportamentais e reprodutivos da espécie, em condições de cativeiro.

Reitero que esta inédita contribuição tem caráter exclusivamente científico, descritivo, não constituindo incentivo à captura, à manutenção ou reprodução irregular do *Forpus xanthopterygius* em cativeiro, conduta que viola as normas expedidas pelos órgãos ambientais competentes, como o IBAMA, o ICMBio e as Secretarias Estaduais e Municipais.

Concluímos acenando aos legisladores, normatizadores, pesquisadores e demais amantes do tuim, vassourinha ou Forpus xanthopterygius que a ele deem a devida atenção legislativa e normatizadora, além de outros estudos que ampliem o conhecimento dessa bela espécie.

Hilton Mendonça é advogado, escritor e jornalista amador.
Vive em São Luís e na bela Arari-MA.